

The background of the cover is a light orange color with a faint, stylized map of a region. Overlaid on the map are several detailed blue line drawings of archaeological site plans, showing various structures, walls, and courtyards. A thick, white, curved line sweeps across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

PARADIGMAS DE PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO MONUMENTAL NAS LINHAS DE TORRES VEDRAS

ABORDAGEM ÀS INTERVENÇÕES REALIZADAS NO FORTE DA ARCHEIRA (TORRES VEDRAS), NO FORTE 1.º DE SUBSERRA E NA BATERIA NOVA DE SUBSERRA (VILA FRANCA DE XIRA)

João André Perpétuo¹, Miguel Martins de Sousa², João Ramos³

RESUMO

Celebrou-se em 2010 o bicentenário da construção do sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras, período de desenvolvimento científico e pedagógico deste monumento. Tendo em consideração a sua dimensão, novos projetos têm abrangido as Linhas de Torres, conforme diferentes objetivos e meios disponíveis.

Em 2021 a ArqueoHoje desenvolveu uma intervenção arqueológica e de conservação e restauro no Forte da Archeira (Torres Vedras), ocasionada pelo estado de integridade no acesso e no través do forte. Em diferente contexto, no ano de 2022 promoveram-se trabalhos arqueológicos prévios no Forte 1.º de Subserra e na Bateria Nova de Subserra (Vila Franca de Xira), particularmente no paiol do forte e em sete canhoes das duas estruturas defensivas, revelando novas leituras destes elementos monumentais.

Palavras-chave: Linhas de Torres Vedras; Património Histórico-Cultural; Arqueologia Militar; Conservação e Restauro; Época Contemporânea.

ABSTRACT

The Lines of Torres Vedras construction bicentenary was celebrated in 2010, a period of increase for the scientific and pedagogical development of this monument. Considering its dimension, new projects have recently covered different elements of the Lines of Torres, according to different purposes and available resources.

In 2021 ArqueoHoje developed an archaeological and a conservation and restoration intervention in Forte da Archeira (Torres Vedras), caused by the state of integrity at the entrance and in the fortification's traverse. In 2022, previous archaeological field works were carried out in Forte 1.º de Subserra and in Bateria Nova de Subserra (Vila Franca de Xira), particularly in the fort's magazine and in seven gunboats from both defensive structures, enlightening new interpretations upon these monumental elements.

Key words: Lines of Torres Vedras; Historical and cultural heritage; Military archaeology; Conservation and restoration; Late modern period.

1. Departamento de Arqueologia da ArqueoHoje – Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda / jperpetuo@arqueohoje.com

2. Departamento de Arqueologia da ArqueoHoje – Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda / msousa@arqueohoje.com

3. Departamento de Conservação e Restauro da ArqueoHoje – Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda / jramos@arqueohoje.com

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Selecionada pelos respetivos municípios, nos anos de 2021 e 2022, a ArqueoHoje desenvolveu projetos com vista à preservação e valorização no Forte da Archeira (Torres Vedras) e no Forte 1.^a de Suberra e Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira), integrados na 1.^o linha de defesa a norte de Lisboa durante a Guerra Peninsular. Conquanto estes projetos partilhem traços de rigor metodológico e elementos histórico-interpretativo comuns, as intervenções realizadas pretenderam responder a necessidades próprias, levando consequentemente à adoção de medidas específicas para cada caso.

Com vista à divulgação dos resultados obtidos, considerou-se oportuno a nova edição de um congresso que reúne grande parte da comunidade arqueológica portuguesa, assumindo a necessidade de apresentar sucintamente as intervenções realizadas e trazer a debate a investigação desenvolvida. Assim, assumindo o carácter preliminar de alguns resultados, desenvolvemos em primeiro lugar um enquadramento histórico-arqueológico sobre o património monumental correspondente às Linhas de Torres Vedras, partindo depois para as abordagens sobre as intervenções realizadas no Forte da Archeira (Obra Militar n.º 128), no Forte 1.^a de Suberra (Obra Militar n.º 114) e na Bateria Nova de Suberra (Obra Militar n.º 114A), e, finalmente, apresentando-se uma discussão geral das intervenções realizadas, conjunta a uma proposta de recomendações futuras.

2. LINHAS DE TORRES VEDRAS: UM ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

No contexto de uma Europa oitocentista maioritariamente subjugada aos interesses napoleónicos, Portugal não se rendeu ao Bloqueio Continental que visava afetar a hegemonia económica britânica. Neste âmbito, o desenrolar de acontecimentos relacionados com a Guerra Peninsular, sucedida entre 1807 e 1814, e a particular necessidade de proteger a capital do então Reino de Portugal, promoveu a rápida estruturação de 152 fortificações que compõem as Linhas de Torres Vedras, entre 1809 e 1812, na qual terão participado de 5000 a 7000 populares, entre homens, mulheres e crianças (Lopes; Sousa, 2011, p. 23). Erigidas de forma sigilosa,

as Linhas de Torres permitiram que, em outubro de 1810, as tropas luso-britânicas usassem o fator surpresa como determinante para a derrota do exército francês quando este invadiu pela terceira e última vez o território português, sob os comandos do Marechal André Masséna, teoricamente *l'Enfant chéri de la Victoire*.

A norte de Lisboa localizavam-se as linhas de maior importância, nomeadamente a 1.^a linha, linha avançada, com início em Alhandra e final na foz do Rio Sizandro, e a 2.^a linha, linha principal de defesa, onde se concentrou a maior quantidade de fortificações, abrangendo entre Ribamar e a Póvoa de Santa Iria. Por sua vez, a 3.^a linha com extensão aproximada de 3 km, ligava Paço de Arcos a Carcavelos, protegendo o Forte de São Julião da Barra para eventual retirada das forças inglesas, a 4.^a linha com aproximadamente 7 km localizava-se entre Almada e a Costa da Caparica e, finalmente, a 5.^a linha era constituída por sete redutos implantados na entrada marítima da, então, vila de Setúbal (Marque & Ferreira, 2014, s.p.). No geral, este sistema adaptava os princípios de fortificação abaluartada a uma disposição em linha, para uma melhor modelação à topografia da região circundante à cidade de Lisboa, considerando-se dos mais eficientes sistemas de fortificações de campo da história da arquitetura militar a nível global (Sousa & Gomes, 2012).

Ainda assim, embora se trate da maior obra de arquitetura militar existente em território nacional, a sua notável operacionalidade rapidamente se hauriu com o decorrer do século XIX. Todavia, o valor patrimonial da maior parte deste conjunto estrutural valeu-lhe a classificação como Monumento Nacional pelo Decreto-Lei n.º 10/2019, publicado no Diário da República n.º 61, I^a série, de 27 de março, ficando ainda os elementos que compõe o *sistema defensivo das 1.^a e 2.^a linhas de defesa a norte de Lisboa* sujeitos às restrições da Portaria n.º 308/2019, da Secretária de Estado da Cultura, publicada no Diário da República n.º 86, II^a série, de 6 de maio.

Neste âmbito, não sendo os elementos alusivos às Invasões Francesas obscuros à comunidade arqueológica previamente à classificação apresentada e, pelo menos, desde o final do século passado (Arnaud, 1991 *apud* Sousa & alii, 2019, p. 343); particularmente por ocasião da comemoração do bicentenário da execução do sistema defensivo das Linhas de Torres, foi promovido um projeto intermunicipal designado

como a Rota Histórica das Linhas de Torres⁴, o qual potenciou a importância estratégica, económica e sociocultural deste monumento. Este foi desenvolvido em articulação entre as sucessivas tutelas públicas do património cultural, a Direção de Infraestruturas do Exército e diferentes técnicos especializados, tendo sido financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu entre 2008 e 2011. Seguindo premissas baseadas na interdisciplinaridade, o projeto levou ao desenvolvimento de mais de 30 intervenções entre 2007 e 2011, abrangendo os diferentes municípios e colmatando a abordagem arqueológica de contextos militares contemporâneos em território nacional (Sousa & alii, 2011; Sousa & Gomes, 2012). Porém, novos contributos têm vindo a ser defendidos, quer a partir de abordagens académicas (Soares, 2017; Silva, 2021), quer fomentados por diferentes projetos com vista à contínua gestão e valorização das obras militares das Linhas de Torres Vedras.

3. A INTERVENÇÃO NO FORTE DA ARCHEIRA (TORRES VEDRAS)

O Forte da Archeira apresenta planta em polígono irregular com um perímetro de 436,48 m, compreendendo área de 9534,44 m², e insere-se no ponto mais alto da serra homónima, a 345 m de altitude, e a norte da Serra do Socorro, sendo facilmente avistado em passagem pela A8. Também designado como Reduto do Furadouro, o *Military Work no. 128*, em conjunto com os redutos da Feiteira (obra militar n.º 129) e da Catefica (obra militar n.º 130), ambos a norte, sendo o Forte da Archeira o que apresenta maior dimensão pela sua posição, defendia os vales de Runa e da Ribaldeira, situando-se em local estratégico pela facilidade de invasão que o desfiladeiro de Runa poderia proporcionar (Silva, 2011, p. 25). Neste âmbito, enquadrando-se na 1.ª das linhas de defesa a norte de Lisboa, durante a Guerra Peninsular, o Forte da Archeira é referido inicialmente como *O Cheira* pelo Major Brandão de Sousa em 1811 (Fig. 1: A). Neste, ainda que não se registem canhoeriras, no seu interior existem vestígios de elementos es-

truturais, nomeadamente de um través (entretanto restaurado), de um paiol, o qual não se considerou pertinente intervir nesta ocasião, e um marco geodésico próximo de onde se localizaria uma estação de sinalização (AA.VV., 2022a, p. 24). A propósito, segundo a planta do Tenente-Coronel Lourenço Homem da Cunha D'Eça, localizava-se nesta fortificação um *mastro de signaes*. Por sua vez, em 1829 o Coronel John Thomas Jones, do *Corps of Royal Engineers*, recordou que à época do conflito este forte podia ser guarnecido por 500 soldados e artilhado com seis peças do calibre 12 (Jones, 1829, p. 112).

Não obstante, embora o Forte da Archeira se encontre devidamente identificado com sinalética de interpretação à entrada e nos últimos anos o Município de Torres Vedras tenha investido em campanhas de limpeza e desmatização periódica, a sua localização isolada em plena Serra da Archeira, ainda que entre turbinas eólicas, tem favorecido o aumento de atos de vandalismo pelo património existente. Neste âmbito, era recorrente a entrada de veículos todo-o-terreno no interior do forte, utilizando o volume do través interno de proteção da entrada como rampa de saltos ou obstáculo a ultrapassar.

Estes atos de vandalismo associados à erosão progressiva dos agentes ambientais, nomeadamente o vento e precipitação, resultaram no desgaste acentuado da volumetria do través e no derrube de alguns elementos pétreos que compõem o muro do alçado sul, comprometendo a estabilidade da estrutura e a leitura do Forte da Archeira. Deste modo, foram solicitados trabalhos de arqueologia e de conservação e restauro, os quais decorreram, de forma contínua e simultânea, entre 28 de setembro e 20 de outubro de 2021 (Figs. 2-3).

3.1. Trabalhos de Conservação e Restauro

A intervenção realizada teve como objetivo principal a colocação de balizadores no exterior da entrada do forte, de forma a impedir a entrada de veículos de quatro rodas e mitigar também o acesso aos de duas rodas. Sob acompanhamento arqueológico, procedeu-se ao reassentamento com argamassa de cal hidráulica de alguns elementos pétreos da alvenaria que se encontravam em derrube no alçado sul. Ainda na entrada, além da colocação dos balizadores, aproveitou-se a oportunidade para melhorar a acessibilidade da entrada do forte, com a manutenção do piso. A colmatagem e o nivelamento dos vazios provocados pelo rodado dos veículos motorizados foram

4. A associação da Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLT) congrega os municípios que integram as duas primeiras linhas defensivas, nomeadamente Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

executados com *tout-venant* e saibro compactados. Na estrutura do través, os trabalhos de conservação e restauro foram mais complexos, tendo consistido na reconstituição da volumetria do elemento defensivo na área destruída pela passagem de viaturas e na reconstrução do muro de suporte desta estrutura a nascente, com o reposicionamento dos elementos pétreos em derrube⁵. Para o efeito realizou-se uma limpeza superficial das terras, alvo de acompanhamento arqueológico, para obtenção do arranque do muro soterrado pelo sedimento proveniente da destruição do través.

No assentamento dos elementos pétreos utilizou-se argamassa de cal hidráulica numa proporção 1:3 entre cal e areia. Dada a dimensão dos elementos pétreos do muro e o assentamento a cutelo com inclinação, respeitando a configuração original do través, registou-se a necessidade de ancorar as pedras à estrutura para obter maior firmeza. Deste modo, recorreu-se a elementos metálicos de aço inox horizontais fixados com resina epóxida às pedras do aparelho, cumprindo a função de ancoragem, de forma a impedir o deslocamento dos elementos pétreos da estrutura.

A reposição da volumetria da estrutura foi executada numa primeira fase, com enrocamento de pedra argamassada com argamassa de cal hidráulica e areia, numa proporção de 1:3, seguindo-se o enchimento com uma mistura seca de cal hidráulica, saibro, areia e *tout-venant*, numa proporção de 1:1:1:1, humedecida com água e compactada manualmente por camadas de 5 cm. No acabamento da superfície foi aplicado novamente uma mistura de saibro e terra isenta de matérias orgânicas, compactada manualmente por camadas de 5 cm.

3.2. Trabalhos Arqueológicos

Aquando do pedido de autorização dos trabalhos arqueológicos, preconizou-se a abertura de fundações para os balizadores através de uma sondagem de diagnóstico de 0,50 m por 0,50 m. Contudo, após deslocação ao local da intervenção e de se ter aferido que na área para colocação dos balizadores se verificava afloramento rochoso à superfície, procedeu-se à realocação da área de diagnóstico.

Neste âmbito, dado que o plano de trabalhos do pro-

5. Todos os elementos pétreos utilizados (calcários, margas ou arenitos), tanto no alçado como no enrocamento interior do través, encontravam-se dispersos na proximidade do local sendo provenientes do próprio forte.

jeto solicitava a “*limpeza e desmatção da área a intervir, nomeadamente da vegetação que cobre o piso e os paramentos laterais que formam o corredor de acesso ao Forte*” (ponto 4.2.) e ainda “*reconstituição pontual do paramento da porta principal do Forte com materiais e técnicas idênticas às originais, utilizando material pétreo local*” (ponto 4.4.), foi implementada uma sondagem de diagnóstico de 0,50 m por 4 m – de forma a abranger a totalidade do lado sudoeste desta área de afetação, entenda-se do corredor de acesso ao forte. Este posicionamento deveu-se ainda ao facto de não ser possível verificar o paramento em pedra neste segmento por este estar coberto por sedimento de matriz arenosa e necessitar de uma ação além da “*limpeza e desmatção*”, realizando-se o registo das camadas arqueológicas e elementos observados, ainda que desafortunadamente sem qualquer materialidade recolhida.

Aquando da realização da sondagem de diagnóstico, assim, apenas se levantou sedimento homogéneo pouco compacto, de matriz areno-argilosa, cor bege, com elementos pétreos de pequeno calibre (cascalho e seixos calcários), coberto pela camada superficial de vegetação e assente sobre o substrato rochoso. Não obstante, em termos estruturais identificou-se como previsto o paramento sul de acesso ao forte e, adicionalmente, este apresentava uma pequena estrutura adossada, correspondente possivelmente a um alicerce de portão com formato subquadrangular e 60 cm de lado e ainda um hipotético elemento de paliçada o qual, por comparação com outros resultados (Queiroz, 2010), pode corresponder a pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) ou pinheiro-manso (*Pinus pinea*). Ambas estas estruturas cortavam o substrato rochoso. Por fim, como medida de minimização de impactes, tornou-se necessário proceder à recolocação de uma camada de c. 25 cm de terra escavada do local sobre o paramento colocado a descoberto. Esta medida, ainda que ocultando a estrutura adossada, deveu-se de modo a evitar a sua fragmentação aquando do nivelamento do forte, dada a fragilidade da mesma e ainda insuficientes meios de vigilância do local.

4. A INTERVENÇÃO NO FORTE 1.º DE SUBSERRA E BATERIA NOVA DA SUBSERRA (VILA FRANCA DE XIRA)

O também designado Primeiro Forte de Subserra (obra militar n.º 114) ou, por lapso, Reduto de São Fernando pelo Tenente José Guedes Vilhegas Qui-

nhones de Mattos Cabral no final do século XIX (Fig. 1/D), foi construído em escassas semanas a partir do verão de 1810, com capacidade para 100 homens, apresentando quatro canhoeriras. Este controlava as alturas de Subserra, impedindo uma progressão do inimigo pela estrada de Arruda a Alhandra, assim como o torneamento da serra pela esquerda, penetrando pelo vale de Calhandriz em articulação com uma das três canhoeriras da Bateria Nova de Subserra (obra militar n.º 114A) (Silveira, 2011, p. 60).

Mais de dois séculos volvidos após as construções das estruturas militares referidas, em janeiro de 2021, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira obteve aprovação da candidatura *ANDA NAS LINHAS – Preservação e Valorização do Património Histórico-Cultural, Natural e Identitário das Linhas de Torres enquanto Destino Turístico Competitivo e Sustentável*. Esta candidatura previu determinadas ações no sentido de tornar mais acessíveis e visitáveis vários pontos de interesse das Linhas de Torres Vedras, inseridas no território vila-franquense.

No Subprojeto 2 a *Requalificação dos Fortes das Linhas de Torres – Forte 1.º de Subserra (Obra Militar n.º 114) e Bateria Nova de Subserra (Obra Militar n.º 114 A)*, sugere-se a recuperação e a adaptação para receber visitantes, destas duas obras militares, propondo-se nomeadamente a identificação dos sistemas de drenagem de ambos os recintos com vista à reutilização destes.. Neste sentido, os trabalhos arqueológicos realizados entre 18 de abril e 31 de maio de 2022, revelaram-se da maior pertinência na medida em que prestam esclarecimentos relativos à localização exata de determinados elementos arquitetónicos, técnicas construtivas e funcionalidades (Figs. 4-5).

4.1. Forte 1.º de Subserra (Obra Militar n.º 114)

O Forte 1 de Subserra trata-se de uma estrutura militar, feita em terra e pedra maioritariamente calcária, com planta em forma de pentágono irregular, implantado num esporão rochoso da Serra do Formoso sobranceiro ao vale do Rio Tejo, protegendo a estrada que liga Arruda dos Vinhos a Alhandra. A estrutura encontra-se orientada segundo o eixo 20º-200º, com abertura no lado sul-sudoeste, protegida por um amplo fosso de perfil em U, cuja largura varia entre os 2,20 m registados ao nível de base e os quase 4 m observados ao nível de topo.

Ao longo do perímetro exterior do seu reparo, de c. 145 m, foram abertas quatro canhoeriras, dispostas em duas das cinco faces do polígono que circuns-

creve a planta da obra. Duas voltadas a nascente e outras duas voltadas a poente, justamente desenvolvidas para locais por onde o inimigo pudesse atacar com maior facilidade ou onde fosse possível efetuar tiro cruzado com artilharia de outra obra militar. No caso concreto, este tanto poderia ser feito pelas canhoeriras viradas a nascente, cruzando fogo com o Forte da Boavista (Obra Militar n.º 3), ou a poente, cruzando fogo com a Bateria Nova da Subserra (Obra Militar n.º 114A).

Deste modo, o plano de sondagens definido para esta estrutura militar visava sobretudo facilitar o entendimento das componentes estruturais preservadas do paiol, bem como a identificação e compreensão do sistema de drenagem primitivo das plataformas das canhoeriras e da periferia e interior do paiol. Nesta perspetiva, implantaram-se quatro sondagens arqueológicas (3,70 m por 0,60 m), para eventual recuperação dos primitivos drenos, nas áreas de abertura das canhoeriras sobre o reparo e uma quinta sondagem, de dimensão superior (aproximadamente 80 m²), abarcando todo o interior do paiol e a periferia sul-sudoeste entre a canhoeira abrangida pela Sondagem 2 e a abrangida pela Sondagem 4, capaz de fornecer os necessários elementos para a caracterização das estruturas em apreço.

Neste sentido, se em três das quatro sondagens que abrangeram as áreas entre as aberturas das canhoeriras e o muro da escarpa, após a limpeza de vegetação rasteira e do levantamento do sedimento que se desenvolvia em profundidade – muito compacto, de matriz arenosa e tonalidade amarela (tipo saibro), correspondente a terras removidas do interior do fosso aquando da abertura deste, recolocadas sobre o topo da escarpa durante a construção dos parapeitos, não foram identificadas quaisquer estruturas relacionadas com o sistema de drenagens, a realidade foi distinta na Sondagem 3. Esta abrangeu a canhoeira mais a sudeste e, após a escavação do sedimento descrito anteriormente – mas com uma potência superior do que nas restantes de 1,20 m, permitiu a identificação do topo de uma estrutura pétreia maciça composta por grandes lajes calcárias envolvidas em pedras de calibres mais reduzidos, os quais cobriam o canal de drenagem do forte. Esta estrutura desenvolvia desde o muro da escarpa até ao meio da sondagem ao longo de 1,9 m, virando para sul-sudoeste em ângulo reto, prolongando-se sob a área não escavada (Fig. 5/B).

Por sua vez, a ampla Sondagem 5, explanada no ter-

reno de forma atípica, compreendeu a área entre a plataforma da canhoeira da Sondagem 2, a noroeste, e a plataforma da abrangida pela Sondagem 4, a nordeste, integrando o paiol e espaço fronteiro desta estrutura. O formato pouco comum desta sondagem, assim como a sua extensão, provocou a quadriculagem do interior da mesma com uma rede de quadrículas com 2 m de lado, inseridas num retângulo de 18 por 10 m orientado a norte, atribuindo-se as letras de A a I no eixo das coordenadas (x) e os números de 1 a 6 no eixo das abcissas (y), visando essencialmente compreender a dispersão de materiais arqueológicos e a sua relação estratigráfica com as estruturas identificadas.

Assim, num primeiro momento após a desmatação do espaço considerado para a Sondagem 5, iniciou-se a decapagem manual da unidade estratigráfica de topo. A remoção total deste sedimento levou à leitura de complexa sequência estratigráfica diretamente relacionada com a fase de utilização do forte e/ou níveis sedimentares relacionados com a sua fase de abandono. Deste modo, ao nível da plataforma da canhoeira 2 (Q, A5, B5, A6 e B6) observou-se o piso de circulação desta área concreta que se encontrava delimitada por dois muros, tal como a identificada posteriormente na plataforma da canhoeira da Sondagem 4. Estes pisos compunham-se de uma argamassa pobre de cal misturada com inertes de calibres variados e encontravam-se em relativo mau estado de preservação sendo, no caso da plataforma da canhoeira abrangida pela Sondagem 2, cortada por uma vala preenchida por um sedimento castanho-escuro que integra o sistema de drenagem do forte. No prolongamento para sudeste, ou seja, em toda a área periférica do paiol, atravessando transversalmente o forte, foi identificado um nível estratigráfico de matriz argilosa e tonalidade alaranjada. Este corresponderá às terras que serviram de nível de circulação em toda a praça de armas, o qual foi fortemente perturbado pela abertura de distintas estruturas em negativo para a implantação do paiol e de todo o sistema de drenagem do forte, preenchido por três sedimentos distintos que foram parcialmente escavados durante a intervenção de 2022.

Com efeito na escavação destes depósitos registou-se a presença de uma segunda vala que deriva do interior do paiol em direção à vala anteriormente descrita e uma terceira que prolonga as suas antecessoras em direção à canhoeira abrangida pela Sondagem 3. Como se observa no plano apresentado (Fig.

4/C), estas valas serviam de base de implantação para as condutas/canais pétreos cobertos por lajes de calcário que formavam o sistema de drenagem.

O primeiro iniciava na canhoeira da Sondagem 2, onde tinha um sifão/caixa de recolha de águas. O segundo recolhia as águas pluviais que se acumulavam entre as paredes duplas do paiol e drenavam para uma caixa de derivação subcircular onde desaguiava igualmente a conduta anterior, prosseguindo daí em diante pela terceira conduta em direção à canhoeira da Sondagem 3, onde se localiza um canal que atravessa todo o parapeito desaguardo para o exterior numa abertura visível no muro da escarpa, perpendicular a esta canhoeira.

Por sua vez, no interior do paiol foram observadas três unidades sedimentares distintas: uma a preencher o espaço definido pelas paredes interiores, uma de sedimento pouco compacto, de matriz arenosa, cinzento-claro, na área do canal de drenagem/caixa de ar, preservado entre paredes duplas, e uma unidade de entulho (terra misturada com pedras e restos de argamassa de cal) a preencher o espaço de acesso reservado para as escadas, cujos negativos que serviam de assentamento para os degraus em cantaria de calcário foram identificados, ainda que apenas se preserve o último.

No interior do paiol, sob os dois primeiros sedimentos descritos anteriormente, encontravam-se outros dois níveis de aterros distintos, ainda que intimamente relacionados com o nível de abandono/desativação desta estrutura. O chão do paiol, por sua vez, seria em sobrado de madeira do qual apenas restou as fundações/vigas de assentamento internas em torno das paredes e ao centro, observando-se no alçado da parede interna do lado nordeste os buracos de apoio das vigas de madeiras do sobrado. Entre este e o chão ficaria outra caixa de ar, evitando o acumular de humidade na divisão onde se guardavam as munições.

Posto isto, e no que ao Forte 1.º de Suberra concerne, a abertura de 5 sondagens de diagnóstico permitiu entender o modo de construção e funcionamento do paiol, estrutura fundamental que se apresenta em bom estado de conservação, bem como o funcionamento da rede de canais que garantiam a drenagem de águas pluviais no interior do paiol e na praça de armas, como também identificada no Forte de Olheiros em Torres Vedras (Jacinto; Miguel, 2011, p. 23), correspondendo a uma evolução do conhecimento relativamente a esta fortificação.

Por outro lado, os materiais arqueológicos — cerâmicas de construção (telha de meia cana), cerâmicas comuns, cerâmicas vidradas, faianças, vidros e metais (essencialmente pregos), são exclusivamente das unidades estratigráficas de uso/abandono do paiol ou dos níveis de circulação/construção da praça de armas. O reduzido número de fragmentos de cerâmica exumados, pouco mais de centena e meia e pertencente a um restringido número de recipientes, leva-nos a concluir que a ocupação efetiva deste forte ocorreu num curto espaço de tempo e o abandono da infraestrutura militar deve ter sido programado e feito de forma ordeira, com a recolha de todo o material militar e restantes objetos de cozinha e de uso pessoal dos militares, abandonando-se exclusivamente objetos irremediavelmente danificados.

Neste sentido, entre os 29 fragmentos cerâmicos exumados de características contemporâneas, para além de porções de vidro e de metal (maioritariamente pregos e cavilhas), destacam-se vários fragmentos de alguidar vidrado a melado com salpicos verdes, como identificados nos Paços do Concelho de Almada (Reis 2021, p. 68), e um gargalo completo, um fragmento de uma asa em rolo e, entre outros, dois fragmentos em grés, com legenda inscrita que permitiram definir a marca *WYNAND FOCKINK / AMSTERDAM* (Fig. 5/J-K). Esta é referente a uma destilaria holandesa fundada no último quartel do século XVII (1679), cujo crescimento exponencial na segunda metade do século XIX lhe permitiu tornar-se numa das maiores exportadoras mundiais de genebra e gin (Sequeira & Casimiro, 2015, p. 213).

Estas garrafas, em função do exposto, são frequentes em contextos arqueológicos contemporâneos um pouco por todo o mundo, como se registou na superfície de bancos de areia do Tejo junto de Muge em Santarém (Sequeira & Casimiro, 2015) ou na Rua do Salitre em Lisboa (Leão & alii, 2020). Entre outros no território nacional, acrescenta-se o atual achado, no interior do paiol do Forte 1.º de Suberra, em contexto estratigráfico relacionado com a fase de prolongada desativação desta infraestrutura militar após a primeira metade do século XIX.

4.2. Bateria Nova de Suberra (Obra Militar n.º 114A)

A Bateria Nova de Suberra integrava o início da 1.ª das linhas defensivas de Torres Vedras, tendo por propósito o bater de flanco o ataque feito ao 1.º Forte de Suberra (obra militar n.º 114), cruzando com

este os seus fogos, bater as alturas de São João dos Montes e alguns pontos da Estrada Real de Arruda e ainda cobrir o acesso à serra. Com o forte anterior, construídos a partir de julho de 1810 (Jones, 1829, p. 24), este conjunto de fortificações tinha guarnição composta por milícias, ordenanças e artilheiros portugueses, apoiados por elementos da divisão inglesa de Rowland Hill, além de agentes de milícias nacionais sob comando do coronel Carlos Frederico Lecor que vigiavam os movimentos do inimigo (Silveira, 2011, p. 64).

Trata-se de uma estrutura aberta que modela e reforça o relevo natural de modo a tirar maior partido do mesmo. Incorpora, portanto, o mesmo tipo de estruturas arquitetónicas que os restantes fortes pertencentes às Linhas de Torres, não tendo, no entanto, alguns aspetos, nomeadamente ser um recinto fechado, ter través e/ou paiol. Ainda assim, esta Bateria apresenta três canhoneiras e um amplo parapeito que se expande para poente.

O atual plano de escavação definido para esta estrutura militar, composto por três sondagens abrangendo a totalidade da área de abertura sobre o parapeito ou reparo das três canhoneiras, pretendeu aferir a existência de estruturas de drenagens de águas pluviais procedentes/acumuladas sobre as plataformas destas estruturas. Com efeito, as sondagens realizadas na Bateria Nova de Suberra proporcionaram o entendimento do sistema de drenagem das plataformas das canhoneiras, nomeadamente das abrangidas pelas sondagens 1 e 2, uma vez que na canhoneira da sondagem 3 era esta inexistente.

Assim, na canhoeira da Sondagem 1, localizada mais a nascente, foi identificado um orifício central de secção semicircular, ao nível da circulação primária da plataforma, cujo objetivo seria drenar as águas pluviais acumuladas, alvitando-se uma relação direta com um possível canal central drenante que se desenvolvesse sobre a abertura do parapeito. Não obstante a escavação do lado interior da canhoeira permitiu observar que este orifício fora selado por um murete de pedras. Esta medida justificou-se aquando da escavação da canhoeira da Sondagem 2, localizada imediatamente a poente da 1, tendo-se localizado nesta um troço de um canal pétreo que se desenvolvia sob o muro de abertura da canhoeira em direção ao muro da escarpa.

Esta última estrutura de drenagem era definida por dois murete paralelos de pedra com pouco mais de 15 cm de altura e 20 cm de largura, cobertos por uma laje

de calcário. Desenvolvia-se ao longo de pouco mais de 1 m, terminando da forma abrupta no meio da área considera, concluindo que a água drenada escoava posteriormente sobre as terras do parapeito e, subseqüentemente, sobre o muro da escarpa. Finalmente, o carácter simples e monótono da estratigrafia que cobria as estruturas militares intervencionadas em Alhandra, caracterizada como simples derrubes de sedimentos com raros materiais, condiz com um abandono lento, onde as principais alterações topográficas se devem a fenómenos erosivos naturais.

5. DISCUSSÃO E RECOMENDAÇÕES FUTURAS

A preservação e valorização do Forte da Archeira não terminou com a intervenção arqueológica e de conservação e restauro. Após os trabalhos preventivos torna-se determinante assegurar o acompanhamento permanente e a manutenção periódica do bem patrimonial em causa. Deste modo, a conservação e o restauro desta fortificação não pode ser estabelecido como o fim da intervenção, mas antes como o início de um processo de constante manutenção. Por sua vez, os trabalhos arqueológicos prévios realizados no Forte 1.º e na Bateria Nova de Suberra, promovidos devido ao facto destas estruturas se integrarem no Circuito de Suberra da Rota Histórica das Linhas de Torres (AA. VV., 2022b, p. 42), levaram à identificação inédita do sistema de drenagem original do Forte 1.º de Suberra, para além de terem desenvolvido um diagnóstico global do paiol, das plataformas de sete canhoiras e do interior da praça de armas, abrindo precedente a trabalhos de conservação e restauro para a abertura do espaço ao público (Blázquez González & alii, 2023).

Em particular, toda a construção identificada no paiol do Forte 1.º de Suberra é arquitetada tendo em vista a sua função primordial: o armazenamento de munições e pólvora aos militares. Desta forma, sendo um alvo preferencial do inimigo, o paiol assume uma forma semi-subterrânea, no caso concreto protegido exteriormente por taludes de terra adossados às paredes externas, como traveses, que protegeriam de um possível ataque. Este trata-se de uma construção de cariz militar de referência pelas técnicas de engenharia aplicadas tanto a nível das escadas de acesso, da caixa de ar, construção em parede dupla para garantir a segurança total de estanquicidade à passagem de água, implementação de

sistema de drenagem interna de águas pluviais com conduta associada.

O cuidado aplicado na construção destas estruturas salvo a rapidez empenhada documentalmente nas construções das Linhas de Torres, reside essencialmente na importância que esta detinha para as guarnições militares, enquanto garante da sua própria sobrevivência, uma vez que a sua destruição poderia implicar a queda da fortificação, a perda da soberania nacional e, eventualmente, da hegemonia britânica. Do mesmo modo e como também revelado na Bateria Nova de Suberra, o arguto sistema de drenagem promoveria a racionalização de outro elemento fundamental aos militares: água.

Em relação à globalidade das estruturas estudadas, além dos processos naturais de alteração relacionados com a exposição das estruturas aos agentes meteorológicos, também o contacto com o público visitante, de forma direta, trata-se de um fator de grande desgaste para estes elementos patrimoniais. É com a intenção de minimizar os impactos resultantes destes processos de alteração que devem ser estabelecidos um conjunto de princípios de monitorização destes monumentos, de forma a precaver eventuais processos de degradação irreversíveis. Deste modo, recomenda-se uma manutenção bianual, realizada preferencialmente no período da Primavera e do Outono, com análise visual pormenorizada de todas as áreas e realização de um registo onde devem estar mencionadas todas as anomalias observadas em cada área, sob a forma de relatório semestral realizado por técnicos especializados.

É importante salientar que esta manutenção deve ser complementada com vigilância mensal ativa, de forma a identificar de imediato ocorrências excecionais e imprevistas, as quais quando encontradas atempadamente podem ser resolvidas com ações imediatas de manutenção e acautelando danos maiores. Esta observação continuada dos monumentos permite reduzir a velocidade de deterioração e evitar intervenções profundas a curto prazo, resultando numa maior preservação da sua integridade.

Finalmente, as intervenções apresentadas deixam evidente os benefícios da articulação contínua entre a arqueologia e a conservação e restauro em projetos que incidam diretamente sobre estruturas, quer sejam militares ou de outros paradigmas. De facto, é fundamental um “*auxílio de fontes históricas e de obras redigidas por historiadores e militares* [em análises nos fortes das Linhas de Torres]” (Silva, 2021, p.

78), particularmente nestes contextos. Não obstante, a afetação no património estrutural requer recorrentemente uma perceção plena mediante a abordagem de agentes arqueológicos e de conservação e restauro, ainda de acordo com as Boas Práticas de Conservação do Património Edificado, as quais se encontram redigidas na legislação para Arqueologia em Portugal, assim como nas cartas e recomendações internacionais, com particular destaque para a *Carta de Veneza* de 1964, a *Carta de Lausanne* de 1990, a *Convenção de La Valleta* de 1992, o *Documento de Nara* de 1994, a *Carta de Cracóvia* de 2000 e a *Declaração de Vinny* de 2000, previamente indicadas a propósito de outras intervenções nas Linhas de Torres (Sousa & alii, 2011, p. 48).

AGRADECIMENTOS

O nosso maior agradecimento é dirigido a Fábio Rocha (ArqueoHoje) que em ambas as intervenções, como em tantos outros projetos, realizou de modo gratificante os levantamentos fotogramétricos e vários dos restantes registos efetuados. Agradecemos ainda a Isabel Luna (Museu Municipal Leonor Trindade), José Paulo Berger (Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direção de Infraestruturas do Exército) e Tiago Miguel Silva na interpretação de resultados no Forte da Archeira, a Richard Peace (ArqueoHoje) pela colaboração nos trabalhos do Forte 1.º de Suberra, a Nádia Figueira (ArqueoHoje) aquando da recolha de elementos histórico-cartográficos significativos e pela ponte com Paulo Almeida (GEAEM-DIE), a quem também manifestamos a nossa gratidão, e a Joaquim Garcia e Luís Filipe Coutinho Gomes (ArqueoHoje) pelas revisões e recomendações no decorrer destas intervenções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (2022a) – No Coração das Linhas de Torres: Rotas Napoleónicas por Portugal e Espanha. S.l.: Rota Histórica das Linhas de Torres – Associação para o Desenvolvimento Turístico e Patrimonial das Linhas de Torres Vedras.

AA. VV. (2022b) – Prata da casa/Redescobrimo o Forte 1.º de Suberra e a Bateria Nova de Suberra. Invade! Património. Turismo. Lazer. Sobral de Monte Agraço: RHLT – Rota Histórica da Linha de Torres. 6, pp. 39-44.

ARNAUD, José Morais (1991) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos realizados na Serra do Socorro. Texto policopiado.

BLÁZQUEZ GONZÁLEZ, María Teresa; FIGUEIRA, Nádia; GOMES, Adriana; RAMOS, João (2023) – Forte 1.º de Suberra (Obra Militar n.º 114) e Bateria Nova de Suberra (Obra Militar n.º 114a) [Vila Franca de Xira]. Relatório Prévio. Texto policopiado.

JACINTO, Maria João; MIGUEL, Lúcia (2011) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos – Sondagens e Acompanhamento Arqueológico no Forte de Olheiros (Torres Vedras). Disponível em: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> [Em linha]. Consult. 12 jun. 2023.

JONES, Colonel Sir John T. (1829) – Memoranda relative to the Lines thrown up to cover Lisbon in 1810. Londres: C. Roworth.

LEÃO, Afonso; SOUZA, Rafael; CASIMIRO, Tânia Manuel; SEQUEIRA, João (2020) – Fancy a drink? As garrafas da Rua do Salitre e o consumo de água e gin em Lisboa no século XIX. In CASIMIRO, Tânia Manuel; SEQUEIRA, João Luís, coord. – Arqueologia Contemporânea em Portugal: Séculos XIX e XX. Lisboa: Mazu Press, pp. 65-90.

LOPES, Iria Alexandra; SOUSA, Ana Catarina (2011) – A Construção das Linhas em Mafra e as Forças Militares em Presença. In SOUSA, Ana Catarina, coord. – Mafra na Guerra Peninsular: A Rota Histórica das Linhas de Torres. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, pp. 23-25.

MARQUES, Luís Correia; FERREIRA, Teresa de Deus (2013) – Atlas SIPA de Património – Linhas Defensivas de Torres Vedras. Lisboa: IHRU – Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana.

QUEIROZ, Paula Fernanda (2010) – Madeiras dos Fortes das Linhas de Torres 1: Forte da Carvalha, Forte do Zambujal e Forte da Feira. Lisboa: Terra Scenica (TERRA SCENICA – TERRITÓRIO ANTIGO relatórios; 22). Texto policopiado.

REIS, Ana Beatriz Lavres dos (2021) – Tradição e Inovação Tecnológica e Cultural nos inícios do século XIX. Análise do sítio arqueológico dos Paços do Concelho (Almada). Lisboa: Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SEQUEIRA, João; CASIMIRO, Tânia (2015) – Fragmentos do mundo contemporâneo: objectos em grés recuperados no Tejo. Cira Arqueologia. Vila Franca de Xira. 4, pp. 209-215.

SILVA, Carlos Guardado da (2011) – Torres Vedras na Primeira Linha. In SILVEIRA, Carlos; SILVA, Carlos Guardado da; SOUSA, Ana Catarina; NUNES, Graça Soares, coords. – Rota Histórica das Linhas de Torres: Guia. Vila Franca de Xira: PILT – Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres, pp. 18-33.

SILVA, Tiago Miguel Costa Ferreira da (2021) – Sistema Defensivo das Linhas de Torres: Uma perspectiva arqueológica. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SILVEIRA, Carlos (2011) – A Defesa do Tejo. In SILVEIRA, Carlos; SILVA, Carlos Guardado da; SOUSA, Ana Catarina; NUNES, Graça Soares, coords. – Rota Histórica das Linhas de Torres: Guia. Vila Franca de Xira: PILT – Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres, pp. 54-65.

SOARES, Rafael Gonçalves Martins (2017) – A Gestão da Rota Histórica das Linhas de Torres – revista a partir dos Modelos e Convenções Internacionais de Património. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura – Património e Projetos Culturais apresentada à Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Instituto Universitário de Lisboa.

SOUSA, Ana Catarina; DIAS, Íris; SOUSA, Elisa; MIRANDA, Marta (2019) – A Ocupação do Bronze Final na Serra do Socorro (Maфра, Torres Vedras): os trabalhos arqueológicos

de 2007 e 2008. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 25, pp. 339-364.

SOUSA, Ana Catarina; GOMES, João Seabra (2012) – Chapter 115. Linhas de Torres Historic Route: Rescuing and enhancing earthworks. In CRISTINI, V., ed. – Rammed Earth Conservation. Londres: Taylor and Francis, 6 pp.

SOUSA, Ana Catarina; GOMES, João Seabra; MIRANDA, Marta; GARCIA, Joaquim (2011) – Métodos e práticas das intervenções. In SOUSA, Ana Catarina, coord. – Maфра na Guerra Peninsular: A Rota Histórica das Linhas de Torres. Maфра: Câmara Municipal de Maфра, pp. 48-55.

SOUSA, Ana Catarina; MIRANDA, Marta (2009) – Forte do Zambujal – Obra n.º 95 – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Disponível em: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> [Em linha]. Consult. 12 jun. 2023.

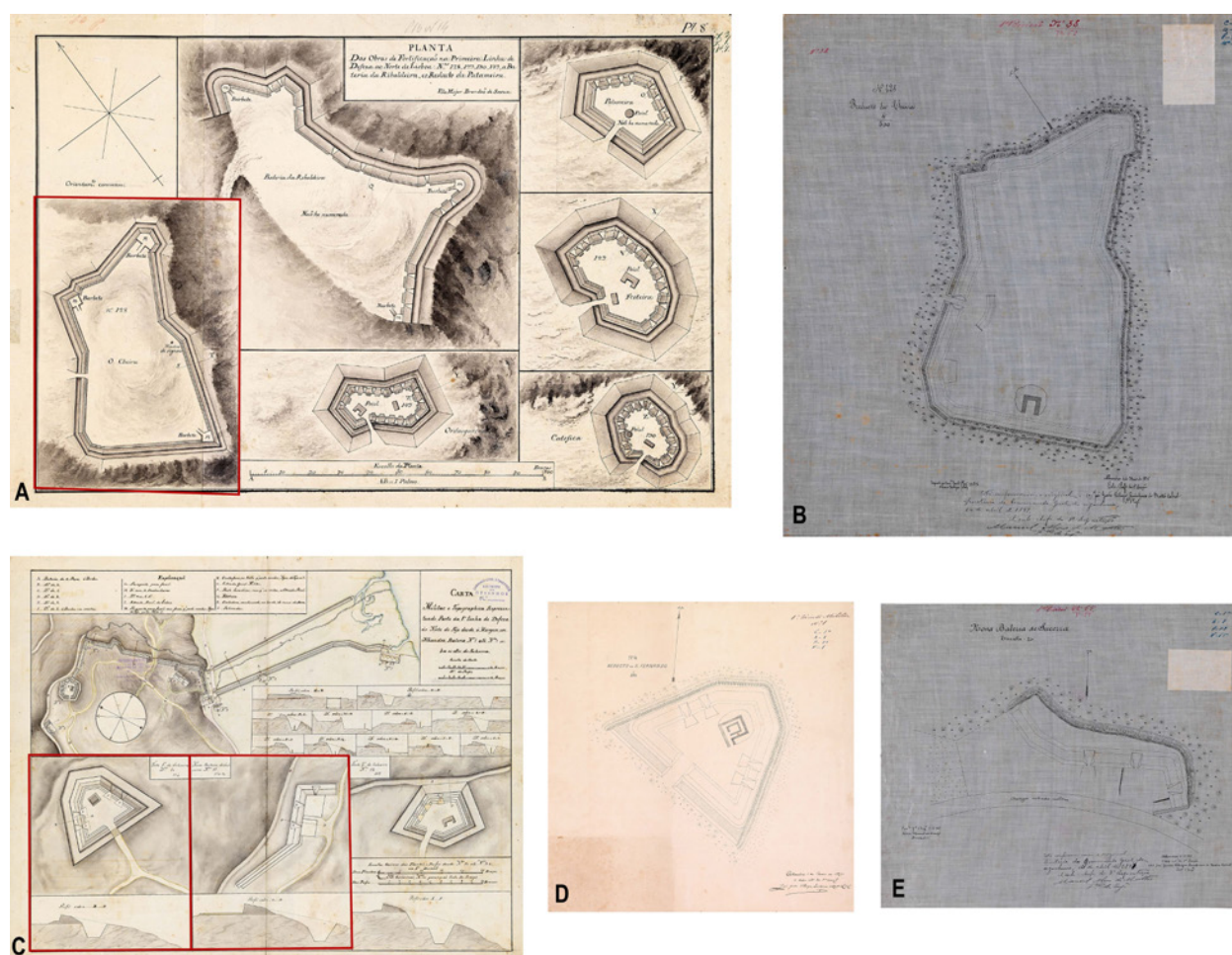


Figura 1 – Cartografia história alusiva às intervenções apresentadas. A: Planta das obras de fortificação na primeira linha de defesa ao Norte de Lisboa, n.ºs 128, 129, 130, 149... pelo Major Brandão de Souza, 1811 (PT-GEAM/DIE-4741-3-34-47), com destaque no Forte da Archeira; B: Reducto da Cheira [Torres Vedra]: n.º 128 pelo chefe da 1.ª secção, José Guedes Vilhegas Quinhones de Mattos Cabral, Ten., 1895 (PT-GEAM/DIE-8081-5-71-79); C: Carta militar e topographica representando parte da 1.ª linha de defesa ao Norte do Tejo... por L. H. da Cunha d'Eça, 1810 (PT-GEAM/DIE-8289-3-40-própria), com destaque no Forte 1.º de Subsera e na Bateria Nova de Subsera; D: Reducto de S. Fernando [Alhandra]: n.º 4 [trata-se do Forte 1.º de Subsera, n.º 114]; pelo chefe da 1.ª secção, José Guedes Vilhegas Quinhones de Mattos Cabral, Ten., 1895 (PT-GEAM/DIE-8157-5-71-79); E: Nova bateria de Sucerra [Vila Franca de Xira], o chefe da 1.ª secção, José Guedes Vilhegas Quinhones de Mattos Cabral, Ten., 1895 (PT-GEAM/DIE-8027-5-71-79).

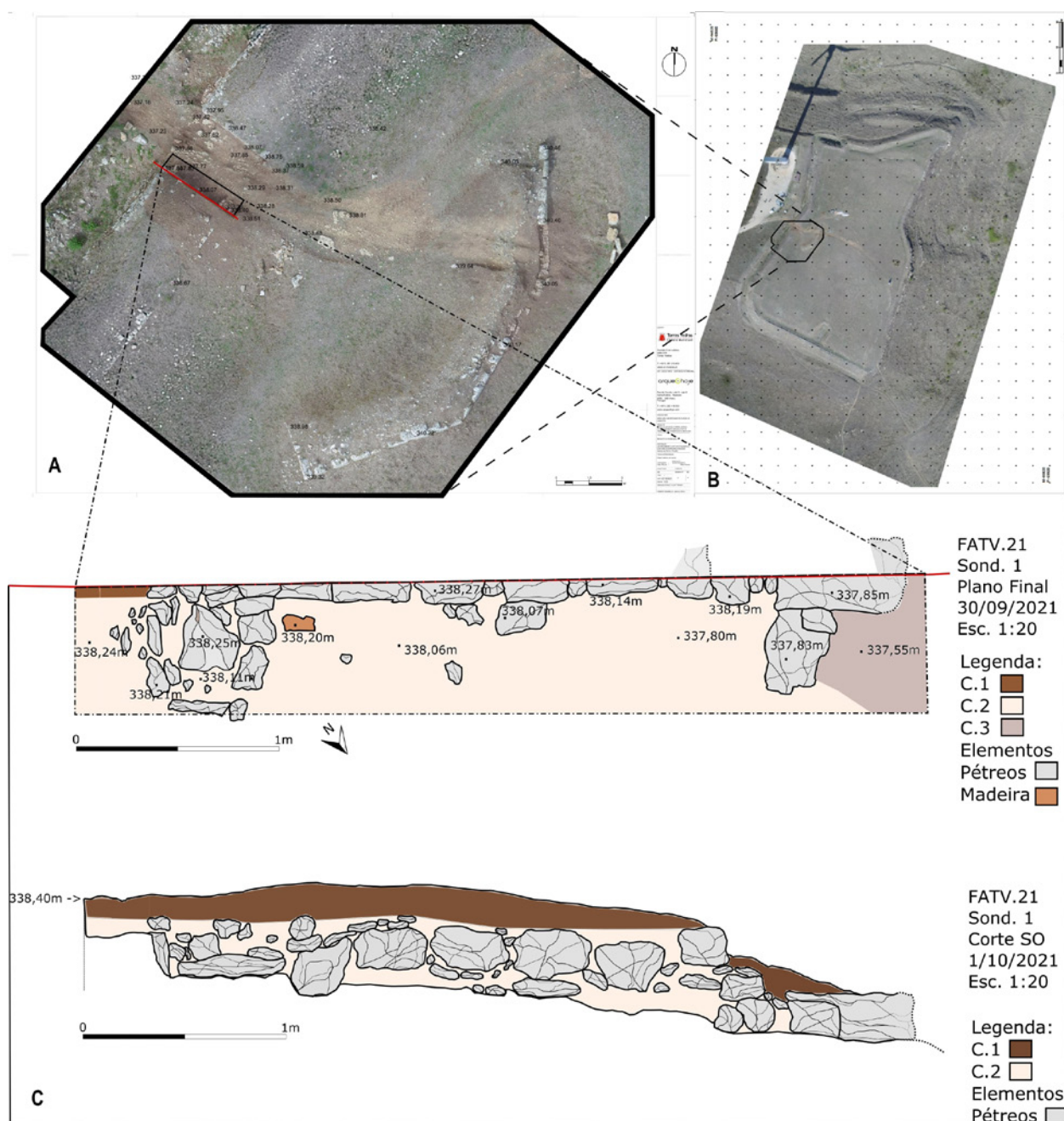


Figura 2 - Levantamento topográfico, ortofotografias e registos gráficos das áreas de afetação no Forte da Archeira. A: Levantamento topográfico e ortofotográfico da área de acesso ao forte e do través (Fábio Rocha, 2021); B: Levantamento topográfico e ortofotográfico geral do Forte da Archeira (Fábio Rocha, 2021); C: Plano final e, em baixo, corte sudoeste da Sondagem 1 do Forte da Archeira.



Figura 3– Aspectos da intervenção no Forte da Archeira (João Perpétuo e Miguel Martins de Sousa, 2021). A: Registo fotográfico prévio à intervenção; B: Plano inicial da Sondagem 1; C: Plano final da Sondagem 1; D: Pormenor de estrutura adossada ao paramento; E: Colmatação na entrada do forte; F: Identificação do través; G: Fixação de elementos pétreos; H: Colmatação no través; I: Alçado nascente do través; J: Registo fotográfico após a colocação dos balizadores.

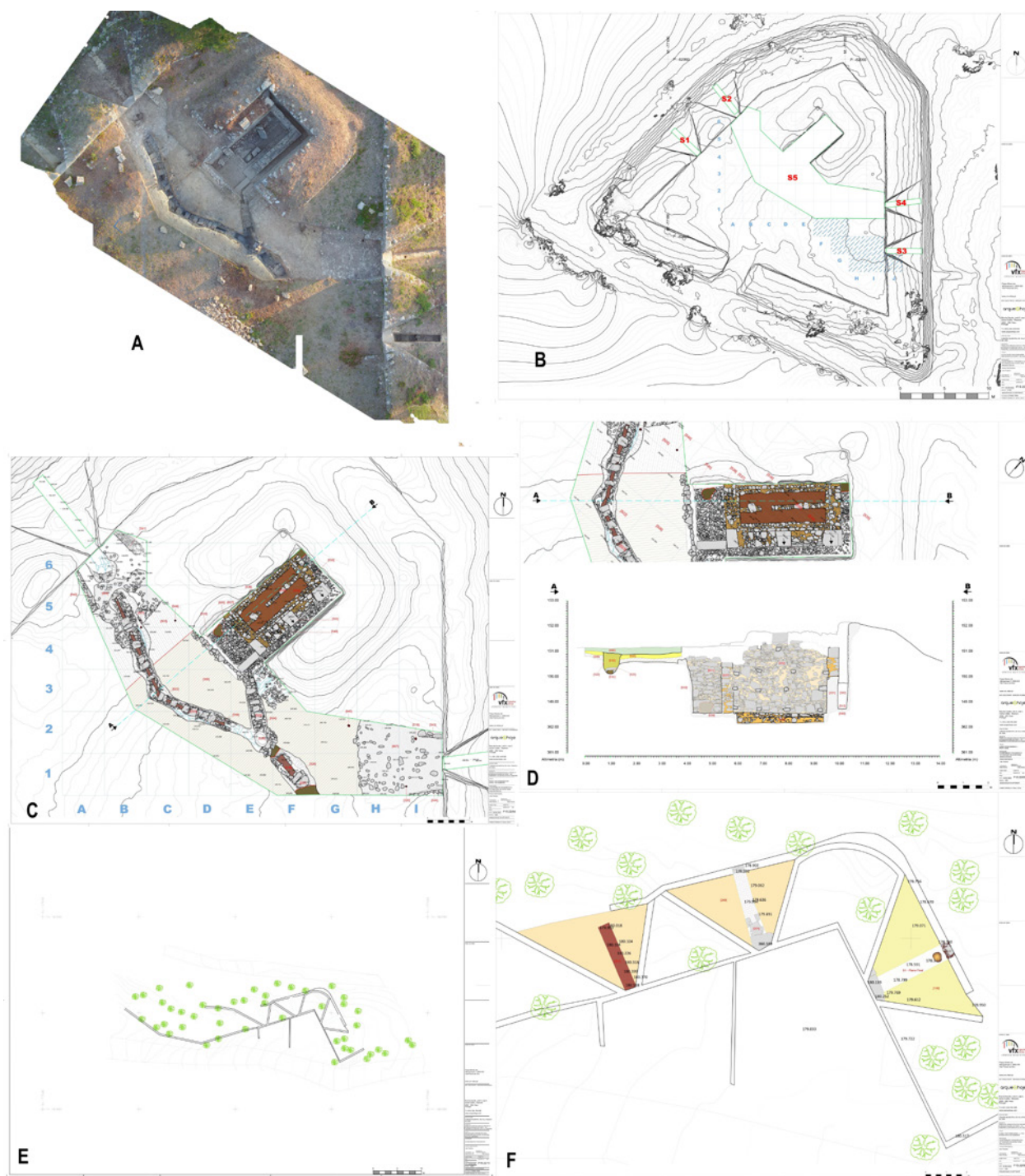


Figura 4 – Levantamentos topográficos, ortofotografia e vectorização de estruturas arqueológicas identificadas no Forte 1.º de Suberra (F1S) e na Bateria Nova de Suberra (BNS) (Fábio Rocha, 2022). A: Ortofotografia do F1S aquando do final dos trabalhos arqueológicos; B: Implantação das sondagens realizadas no F1S; C: Plano final da Sondagem 5 realizada no F1S; D: Corte estratigráfico na Sondagem 5, Perfil SO/NE, no F1S; E: Implantação topográfica das sondagens realizadas na BNS; F: Plano Final das sondagens realizadas na BNS; Fábio Rocha.



Figura 5 – Aspectos da intervenção no Forte 1.º de Suberra (F1S) e na Bateria Nova de Suberra (BNS) (João Perpétuo, 2022). A: Vista geral dos trabalhos arqueológicos no F1S; B: Plano final da Sondagem 3 do F1S; C-D: Vistas do interior do paiol, abrangido pela Sondagem 5 do F1S; E: Plano final da Sondagem 1 da BNS; F: Plano final da Sondagem 2 da BNS; G: Plano final da Sondagem 3 da BNS; I: Fragmentos de cerâmica vidrada; J1-2: Fragmentos de garrafa em grés identificados no interior do paiol do F1S; K: Reconstituição gráfica da garrafa em grés identificada no interior do paiol do F1S.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**